

MUTATIS MUTANDIS

Mutatis Mutandis. Revista
Latinoamericana de Traducción

E-ISSN: 2011-799X

revistamutatismutandis@udea.edu.co

Universidad de Antioquia
Colombia

Cristofolletti, Renato

Reseña del libro: Pilatos e Jesus. Giorgio Agamben. Tradução Patricia Peterle e Silvana de Gaspari. Editora UFSC/Boitempo. 1º. Ed. 2014

Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción, vol. 9, núm. 1, 2016, pp. 192-195

Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=499270627015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Reseña del libro: *Pilatos e Jesus*. Giorgio Agamben. Tradução
Patricia Peterle e Silvana de Gaspari. Editora UFSC/Boitempo. 1º. Ed.
2014

Renato Cristofolletti

cristofollettiufsc@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

O novo ensaio de Giorgio Agamben se debruça sobre o julgamento de Jesus Cristo, a crise enfrentada por Pôncio Pilatos - tendo que se defrontar com dois reinos – e as inquietações do homem frente ao seu destino.

Publicado originalmente com o nome de *Pilato e Gesù*, pela editora Nottetempo, na Itália, em 2013, chega às livrarias brasileiras um novo ensaio do filósofo Giorgio Agamben. A edição brasileira foi traduzida por Patricia Peterle e Silvana de Gaspari, ambas vinculadas à Universidade Federal de Santa Catarina. A apresentação é de Vinicius Nicastro Honesko, e a publicação sai numa edição conjunta entre as Editoras EDUFSC e Boitempo.

Na apresentação da edição brasileira, Honesko nos dá um panorama bem definido do que virá, sintetizando de forma clara e objetiva as reflexões que Agamben trará ao longo do ensaio:

Agamben salienta (uma vez todos os homens *acusados*) que o nosso tempo se mostra como o da indecisão, o da *entrega* pura e simples que parece escapar do juízo. Entretanto é também, e de modo paradoxal, o da *crise*, o de um constante juízo sobre todas as coisas (p.17,18).

A obra consumiu três meses de trabalho de Agamben, fazendo com que pausasse o trabalho de dois outros textos já em andamento: *L'uso dei corpi* – da coleção *Homo Sacer*; e *Il Fuoco e il racconto* – ambos publicados posteriormente na Itália. O autor nos explica que uma das inquietações que o levou a escrever sobre o tema foi a série de eventos que desencadearam na crucificação de Jesus sem uma acusação – no sentido mais amplo do termo – e de um julgamento nos moldes das leis romanas. Segundo o filósofo, isso transforma Pilatos numa peça fundamental – mesmo que de maneira pouco ortodoxa – na realização do desejo (ou missão) do próprio Jesus Cristo.

Em contrapartida, o livro traz ainda um anexo, intitulado *Glosas*, no qual Agamben explora, de maneira pragmática, o simulacro do processo ao qual Jesus Cristo foi submetido, pelas mãos de Pôncio Pilatos. Esse anexo nos abre uma porta para a compreensão dos acontecimentos aos quais foi submetido Jesus Cristo em suas últimas horas.

Como em quase toda nova obra de Agamben, o filósofo nos chama à reflexão sobre o momento da crise humana. Desta vez, o autor volta seu olhar para o julgamento e execução de Jesus Cristo, e refaz os passos de seus momentos finais. É dessa forma que ele busca entender os dilemas vividos pelo prefeito, que se vê entre a esposa e os judeus, no embate que mudou os rumos da humanidade e fez Pilatos entrar para a história como alguém enigmático, que acaba por ser visto por alguns como o *alter ego* de Jesus Cristo.

Nesse sentido, Agamben procura investigar o que define como a *krisis* vivida por Pilatos, quem está dividido entre as pressões políticas exercidas pelos judeus e pelo império romano, e suas crenças pessoais, na condução do julgamento que desencadeou a série de acontecimentos que escreveram parte substancial da história do cristianismo. E, mais profundamente, lança luz sobre o sentimento de incapacidade de julgar de Pilatos frente aos fatos ali expostos.

Na obra, o filósofo fixa como ponto de partida a real existência de Jesus: “se é verdade que a encarnação de Cristo é um ‘evento histórico de infinita, inapropriável, inocupável unicidade, então, o processo de Jesus é um dos momentos-chave da história da humanidade, no qual a eternidade atravessou a história num ponto decisivo” (p.22).

Para entender Pôncio Pilatos, o autor busca construir um personagem com psicologia e idiomatismos próprios. Para tanto, Agamben vai atrás da mítica que cerca a *persona* de Pilatos e nos apresenta duas linhas divergentes que a história nos traz. Em linhas gerais, a primeira lenda é a “branca”, na qual o prefeito teria compreendido a divindade de Jesus e, somente por fraqueza, cedeu às insistências dos hebreus. Dessa maneira, essa vertente o mostra como intimamente já convertido ao cristianismo, o que na obra de Agamben é ratificado na carta enviada por Pilatos a Tibério, quando o Imperador decide puni-lo com a decapitação:

Senhor, não me confundas com os miseráveis hebreus na destruição. Visto que, se ergui a mão contra ti, o fiz forçado por aquela multidão de hebreus que me atormentava: mas tu sabes que agi por ignorância. Não me condenes, então, por esse pecado, mas perdoa assim também a tua serva Procla, que está ao meu lado na hora da morte e que destinaste a profetizar tua crucificação. Não a condenes por causa da minha falta, mas tem piedade e nos inclui entre teus justos (p.26,27).

E, assim, segundo essa versão, após a decapitação, um anjo recolhe sua cabeça decepada e a leva aos céus.

Essa versão contrasta muito com a outra que nos chega através de fontes extrabíblicas, e nas quais Pilatos aparece como um homem inflexível, obstinado e cruel, ou seja, uma personalidade totalmente oposta à apresentada anteriormente. Essa narrativa é denominada de “lenda negra”. Nela, o prefeito se mostra como um homem “desprezível e colérico” que manda executar Jesus por acreditar ser ele um malfeitor. Segundo a lenda, Tibério se encontrava doente em Roma e ouve que havia um “médico” que tudo poderia curar. Manda, então, um emissário buscá-lo e descobre que o mesmo havia sido entregue por Pilatos aos hebreus, fazendo com que o imperador sentenciasse Pilatos à morte. Assim, antes de ser executado, Pilatos se mata, perfurando-se com sua faca. O seu cadáver teria sido amarrado a uma pedra e atirado no Tibre, mas “espíritos malignos e imundos, saindo de seu corpo maligno e imundo, começam a se movimentar na água, provocando, na atmosfera, raios e tempestades, trovões e granizos terríveis, fazendo com que todos fossem tomados por um medo atroz” (p. 31).

Porém, Agamben ressalta em seu ensaio as poucas evidências para a sustentação de ambas as versões.

Os evangelistas, que certamente não podiam estar presentes no processo, não se preocupam em indicar as fontes de suas narrações e, justamente, essa ausência de escrúpulos filosóficos confere à narrativa um incomparável tom épico. As cartas e as lendas, independentemente de seu resultado sombrio ou glorioso, foram, presumivelmente, inventadas para fornecer uma documentação do processo e, ao mesmo tempo, para dar conta do comportamento de Pilatos (p.32).

Mas, independente da versão que melhor se adequa ao contexto e às conveniências do leitor, Agamben se preocupa mesmo em investigar o que se passa com Pilatos – no que consistiria a sua *Krisis*, ou seja, na sua capacidade ou não de julgar Jesus Cristo, diante da crise interior vivida por ele. O prefeito luta muito, de todas as maneiras que pode, para evitar a sentença de Jesus à morte, ou, em oposição, a sua repentina entrega frente aos hebreus. Em ambas as versões, Pilatos aparece como um ser enigmático que, de uma maneira ou de outra, precisa que o julgamento aconteça. Provavelmente, nesta luta interior do juiz de Jesus Cristo, esteja a identidade com o homem de hoje, e sua crise diante da vida.

O ato de julgar, em grego, se denomina *krisis* (de *krina*, que etimologicamente significa “separar, de-cidir”). Ao lado desse significado jurídico, convergem, no termo, tanto um significado médico (*krisis* como o momento decisivo na evolução de uma doença, quanto o médico deve “julgar” se o doente morrerá ou sobreviverá) quanto teológico (o juízo final: *enemeraikriseos*, “no dia do juízo”, é a advertência que retorna mais vezes à boca de Jesus; em Paulo: *enemeraiotecrinei*, “no dia em que Deus julgará” – *Rm.2,16*) (p.33).

Pôncio Pilatos se vê, no processo de Jesus Cristo, diante da duplicidade que se apresenta entre o que é mundano, ou seja, terrestre, e o que é divino:

No processo que se passa diante de Pilatos, dois *bemata*, dois julgamentos e dois reinos parecem confrontar-se: o humano e o divino, o temporal e o eterno. Com sua habitual vivacidade, Spengler expressou essa contraposição: “Quando Jesus é levado diante de Pilatos, dois mundos estão

Cristofolletti, R. / Reseña del libro: Pilatos e Jesus. Giorgio Agamben. Tradução Patricia Peterle e Silvana de Gaspari. 78 pags. Editora UFSC/Boitempo. 1º. Ed. – 2014

imediata e inconciliavelmente frente a frente: o dos fatos e o das verdades, e com tão assustadora clareza como nunca outro lugar na história do mundo” (p.34).

O ensaio do filósofo Giorgio Agamben nos instiga não só a refletir sobre as facetas de Pôncio Pilatos e de todo o episódio bíblico, mas, fundamentalmente, também nos convida a uma reflexão sobre a condição humana e os dilemas ainda enfrentados pelo homem frente a sua fragilidade em relação ao seu destino. Temas esses, bastante oportunos nos dias que vivemos.